

A Menina Nova

Um bônus de Mocassins e All Stars narrado por Arthur Torrez

Eu sabia que o primeiro (ou segundo?) sinal já tinha tocado, mas não me apressei. Valia a pena me estressar por conta de horário de aula? Não. Muito menos no primeiro dia. Encarei novamente o longo corredor, cada vez mais vazio.

Espera. Tinha alguém mexendo no meu armário?

Apressei meus passos. Aquele armário estava comigo há quatro anos e ficava na posição exata entre a quadra de basquete e a sala de cálculo (eu contei). Eu estava disposto a lutar por ele, se fosse necessário.

Quando cheguei mais perto percebi que, na verdade, tinha alguém mexendo no armário *ao lado* do meu. Respirei aliviado, encostando-me ao meu armário 215. Graças a Deus não precisaria falar com a Srta. Markanders. Não era muito animador ter que ver a diretora logo no primeiro dia de aula. Ainda mais uma diretora tão peculiar como a Srta. Markanders. Abri meu armário, pensando no que precisaria levar para aquele longo primeiro dia.

O barulho que veio do outro lado da porta aberta do armário me fez começar a pensar em outra coisa: quem era meu novo vizinho? Aquele armário estava vazio desde que seu último dono se transferiu.

Dei um passo para trás, temeroso. Por favor, que não seja a Bárbara. Se fosse a Barbara seria obrigado a trocar de armário e perder essa ótima localização. Encarei a porta que me separava de meu destino. Ficaria estranho se eu desse uma espiada?

Tentando parecer menos estranho, desci os olhos. Eram pernas femininas, com certeza. Aliás, belas pernas torneadas por uma calça jeans justa. Respirei duplamente aliviado quando desci mais ainda os olhos. Minha nova vizinha não poderia ser a Barbara, porque a Barbara nunca usaria esses sapatos. All Stars pretos e belas pernas? A verdade é que eu já estava gostando da nova vizinha.

Como se soubesse que estava sendo observada, a vizinha bateu a porta com força e virou na minha direção. Eu subi os olhos para o seu rosto o mais rápido que pude, mas o olhar fulminante dela me fez crer que ela percebeu que eu a estava observando anteriormente. Suas bochechas coraram e eu fiquei sem saber se de raiva ou de constrangimento. Certamente *eu* estava ficando constrangido.

— Gostei dos seus sapatos. — eu disse, encarando seus olhos, meio estreitos de raiva, ainda que seus lábios estivessem separados pelo choque.

Fechei meu armário e me virei para ir embora. No caminho para Física, estava me questionando porque tinha dito aquilo sobre os sapatos. Não tinha muito a ser dito em uma situação como aquela. Eu estava espionando e tinha sido pego. A melhor parte, entretanto, é que era verdade. Eu gostei dos sapatos dela. Eu gostei dela. Não sei porque eu tinha dito aquilo e nem porque a minha nova vizinha tinha me deixado tão desnortado, mas a verdade é que eu deixaria aquela garota mexer em muito mais do que no meu armário se ela tivesse o mínimo de interesse. E eu torcia para que ela tivesse.

A parte boa de estar no último ano do colégio era que tinha algumas coisas que eu iria me livrar em breve. No topo da lista: aulas de literatura. Posteriormente: não precisar

ouvir mais as declarações de bom dia da Srta. Markanders no autofalante todo dia. Sentei na fileira do canto. Um segundo depois, Bárbara e seu esquadrão adentraram a sala do Professor Montgomery. Virei o rosto com rapidez, mas não rápido o suficiente para evitar que ela me visse. Ou melhor, que uma *delas* me visse e avisasse. Ela já tinha se sentado e aberto o estojo e eu estava tentando fazer qualquer outra coisa que não olhar naquela direção, mas então aquela caneta com um pompom rosa gigante começou a tomar minha visão periférica e eu me virei, porque achei que precisava salvar o mundo de ver aquilo por tempo indefinido.

— Oi Torrez. – Ela disse. Ou pelo menos foi o que eu entendi pela leitura labial. A sala fervilhava, pois todos queriam contar as notícias das férias.

Levantei a mão como forma de cumprimento. Deixe-me refazer a lista de coisas que eu não vejo a hora de me livrar. No primeiro lugar isolado: Bárbara. Ela sorriu com meu cumprimento e se virou para frente, para sua trupe assustadora, e todas elas começaram a rir e me olhar por cima do ombro. Sinceramente.

Professor Montgomery chegou na sala dizendo algo como: “Sei que vocês têm muita coisa para contar sobre suas conquistas juvenis, mas vai ter que ficar para depois. No momento atual apresento-vos as maravilhas do mundo da física”. Abaixei a cabeça sorrindo. Gostava do Professor Montgomery e gostava de física. Nenhum dos dois estava na minha lista de coisas que não vejo a hora para me livrar.

Abri o livro e tentei seguir as instruções sobre a ordem dos capítulos que o professor passava, mas então ouvi o rangido da porta. Toda sala ouviu, inclusive o professor. Levantei os olhos para ver quem entrava e lá estava ela. A minha nova vizinha dos armários.

Fiquei inquieto. Abaixei-me na cadeira e levantei meu livro buscando me esconder. Por algum motivo estava constrangido pela cena que protagonizamos no corredor e não queria que ela me visse. Não agora.

— Boa noite, senhorita. – Professor Montgomery disse.

Ela deu um pequeno salto com o susto. Antes de se virar para encará-lo, contraiu os ombros, como se desejasse ser engolida pelo chão.

— Bom dia, senhor. Desculpe, estou atrasada.

— Eu sei disso. Espero que a senhorita tenha uma boa explicação.

Ela se encolheu de novo e olhou por toda a sala, provavelmente em busca de um lugar para sentar. Escondi-me melhor atrás do meu livro, enquanto a ouvia dizer:

— Na verdade, é porque sou nova aqui.

Professor Montgomery abriu um pequeno sorriso, enquanto se apresentava. Ainda escondido por meu livro, passei a observá-la. Eu estava fazendo de novo. Espiando. Cacete. Por que? Não conseguia parar.

— E já que você já interrompeu a minha aula, não gostaria de aproveitar e fazer uma pequena apresentação para a turma? – Professor Montgomery questionou.

O instinto número 1 da minha vizinha foi começar a andar para a última cadeira vaga, próxima da minha. O segundo foi dizer repetidamente “Não obrigada”. Foi então que o

CENA BÔNUS
MOCASSINS E ALL STARS – CLARA SAVELLI

Professor Montgomery tocou seu ombro, impedindo-a de continuar andando e disse, em sua voz ríspida:

— Por favor, eu insisto.

Pela terceira vez nos últimos 5 minutos eu vi sua expressão de pânico. Isso sem contar a expressão similar que ela fez quando me pegou espionando no corredor. Dessa vez ela endireitou as costas antes de falar e olhou diretamente para o professor e sem nem sequer desviar o olhar para o resto de nós.

— Meu nome é Julie Kreeman. Tenho dezessete anos e sou de Nova York.

Julie. O nome dela era Julie. A menina dos sapatos legais era Julie e era de Nova York. Enquanto estava computando essas informações, toda turma começou a bombardeá-la com questões. Não questões legais, tipo as que eu tinha (que, eram, em sua maioria, elementos informativos que eu usaria posteriormente para convencê-la a sair comigo), mas sim questões rudes, como:

— Isso é uma roupa ou você roubou de algum mendigo? – Uma das amigas de Barbara falou e todas elas começaram a rir.

Eu não sabia o que tinha de errado com a roupa de Julie. Para mim estava ótima. Na verdade, mais do que ótima. Eu não conseguia tirar os olhos daquela garota e, juro, nem era só pela sua calça justa e suas lindas pernas.

— Mochila legal. É da época que você foi escoteira? – Algum garoto gritou próximo de mim e eu virei para procurar quem foi, torcendo para que não fosse nenhum amigo meu. E não era.

— Caramba, onde você comprou esse casaco? O efeito surrado que eles dão é demais! – Uma outra amiga de Bárbara perguntou, jogando os cabelos para trás. – Oh... Acho que não é efeito.

Eu estava me preparando para dizer alguma coisa, mas a verdade é que eu não sabia o que dizer. Eu não tinha nem ideia do que responder a esse monte de *idiotas* a não ser: CACETE, VOCÊS SÃO TODOS IDIOTAS!!!! E *cegos*. CEGOS. Só eu estava vendo como Julie era fantástica? Eu queria desesperadamente conhecer aquela mulher.

Antes que eu pudesse levantar e fazer uma encenação de Scar (“Estou cercado de idiotas”), o professor agradeceu e silenciou a turma, ainda que não tenha dado uma bronca, nem nada. Julie andou pelo corredor e eu me afundi ainda mais na cadeira, escondendo-me ainda mais no meu livro. Então, se sentou na última cadeira da fileira do meio, me deixando sem a possibilidade de observá-la discretamente. A verdade é que eu precisaria olhar para trás para vê-la. Droga.

Mesmo assim, não consegui me impedir. Tentando da melhor forma que pude, continuei a ver o que ela estava fazendo. Alguma coisa me dizia que eu tinha que saber. Eu precisava saber. Não havia mais motivo para me esconder atrás do livro, então virei de lado na cadeira e me apoiei na parede, deixando o livro sobre a mesa. Então eu vi quando Leah lhe passou um bilhete.

As duas começaram a trocar bilhetes de forma frenética e eu comeci a pensar se elas já se conheciam. Será que ela era alguma amiga de Leah? Prima? Irmã? Como ela *omitiu o fato*

CENA BÔNUS
MOCASSINS E ALL STARS – CLARA SAVELLI

de que existia uma garota *dessa* dentre seu leque de conhecidos, sem nunca, *já* ter mencionado sua existência para minha pessoa?

Eu estava me questionando sobre isso quando Julie virou na minha direção. Virei o rosto na direção do professor o mais rápido que pude, mas talvez ela tenha percebido. Que eu a estava observando *de novo*. MAS QUE CACETE! O que será que Leah disse? Será que Julie contou sobre nosso incidente no armário? Eu não sei do que eu tenho mais receio: da versão de personalidade que Leah contou pra Julie ou da versão que Julie contou pra Leah. Eu não era uma pessoa muito legal sob nenhuma dessas duas perspectivas. Mas eu era uma pessoa muito legal sob outros prismas. Juro. Leah sabia disso. Só que eu precisava ter a chance de mostrar isso pra Julie também.

Algum tempo depois, o sinal que terminava a aula tocou. Antes que eu pudesse pensar no que fazer, Leah e Julie se encaminharam para o corredor, conversando sobre seus horários. Eu acompanhei a distância, me desvencilhando de Bárbara e esperei Leah ir para sua aula, antes de me apressar na direção de Julie.

— Se não é a garota do tênis legal. – Eu me ouvi dizer, incrédulo. De todas as coisas que eu poderia ter dito, eu retomei o assunto inacabado e constrangedor da discussão nos armários. Que maravilha, Torrez. Clap, clap, clap.

Dessa vez, Julie não me olhou surpresa. Foi quase como se ela tivesse esperando que eu fosse reaparecer para falar com ela novamente. Mesmo assim, não sorriu, nem disse um “oi” amigável, nem encolheu os ombros com o constrangimento gracioso como ela tinha feito na aula. Ao invés disso, ela parou de caminhar e ficou olhando para mim. Por um tempo *infinito*. Então, semicerrou os olhos e disse:

— Se não é o cara dos mocassins.

Eu ri. Além de linda e possuidora das melhores pernas que eu já vi no mundo inteiro, ela também tinha senso de humor.

— Meu nome é Arthur, Julie. – Eu consegui raciocinar para falar uma coisa certa desde a primeira vez que a vi. – Mas todo mundo me chama de Torrez.

Ela inclinou a cabeça para o lado, como um cachorro que tenta entender as bobagens que seu dono fala. Então, ainda de olhos semicerrados, como se fizesse grande esforço para entender, perguntou:

— Por que? Arthur é um nome muito mais bonito.

Em resposta, dei de ombros. Para ser sincero, não lembro mais porque começaram a me chamar pelo sobrenome. Provavelmente por causa do Treinador Craft, que tem essa mania de chamar todos os jogadores do time pelos seus respectivos sobrenomes. *Especialmente* o capitão. Eu acho que o homem nem deve saber meu primeiro nome.

— Então, pra onde você está indo agora? – Perguntei, quando ela voltou a caminhar e eu acompanhei.

— Para o meu armário. – Disse e me olhou de soslaio. – Depois, para a sala 26.

— Certo, ela é bem ali. – Apontei para a sala 26, querendo ser útil. Afinal, poderia ter perguntado para onde ela estava indo ao invés de comentar sobre seus sapatos e, assim,

CENA BÔNUS
MOCASSINS E ALL STARS – CLARA SAVELLI

ela não teria chegado atrasada e nem passado pela situação péssima de ter que se apresentar na aula do professor Montgomery.

— Eu sei disso – ela disse, ignorando minha apontada e parando na frente do seu armário.

Enquanto ela tentava achar o papel com a senha do cadeado, eu abri o meu armário. Entre nosso primeiro encontro nesses armários para o momento atual decorreu-se menos de uma hora. Mesmo assim, quando eu puxei a porta do armário, o chão foi inundado por um monte de envelopes de cartas. O cheiro horrível do perfume de Bárbara subiu até minhas narinas. Droga. Abaixei-me, catando as cartas o mais rápido que pude, tentando evitar ter que explicar a Julie sobre o que era tudo aquilo.

Só que a menina, além de linda, possuidora das melhores pernas do mundo e bem humorada, era também inteligente. Antes mesmo de conseguir juntar tudo, ela disse:

— Admiradoras secretas?

— É – respondi, encolhendo os ombros. – Fazer o que?

O que, pelo jeito foi algo que eu não devia ter dito. Seus olhos se inflamaram de novo, como no momento em que ela me pegou espionando. Então, parecendo estar muito indignada, bateu a porta do armário e foi embora.

— Te vejo por aí, Jul. – foi minha tentativa inútil de socialização.

Como resultado, ela olhou por um segundo por cima de seu ombro. Aqueles olhos castanhos em brasa, como se ela estivesse desejando me queimar vivo. Sorri e acenei. Droga. Agora eu não precisava apenas *torcer* para que ela tivesse interesse de mexer em muito mais do que meu armário. Eu precisaria, no mínimo, de um milagre.

LEIA MAIS NO LIVRO: MOCASSINS E ALL STARS (CLARA SAVELLI)

DISPONÍVEL NAS MELHORES LIVRARIAS

MAIS INFORMAÇÕES EM: WWW.CLARASAVELLI.COM